

MELISSA MOGHANA DA SILVA PORFÍRIO

ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E SEUS DESAFIOS PEDAGÓGICOS



**ITATUBA-PB
2022**

ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E SEUS DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Monografia apresentada ao Centro Educacional Três Marias como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia do curso de Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Esp. Maria Glêciane Maia de Macêdo

ITATUBA-PB

2022



ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E SEUS DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Monografia apresentada ao Centro Educacional Três Marias como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia do curso de Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Esp. Maria Glêciane Maia de Macêdo

Aprovado(a) em: ____/____/____.

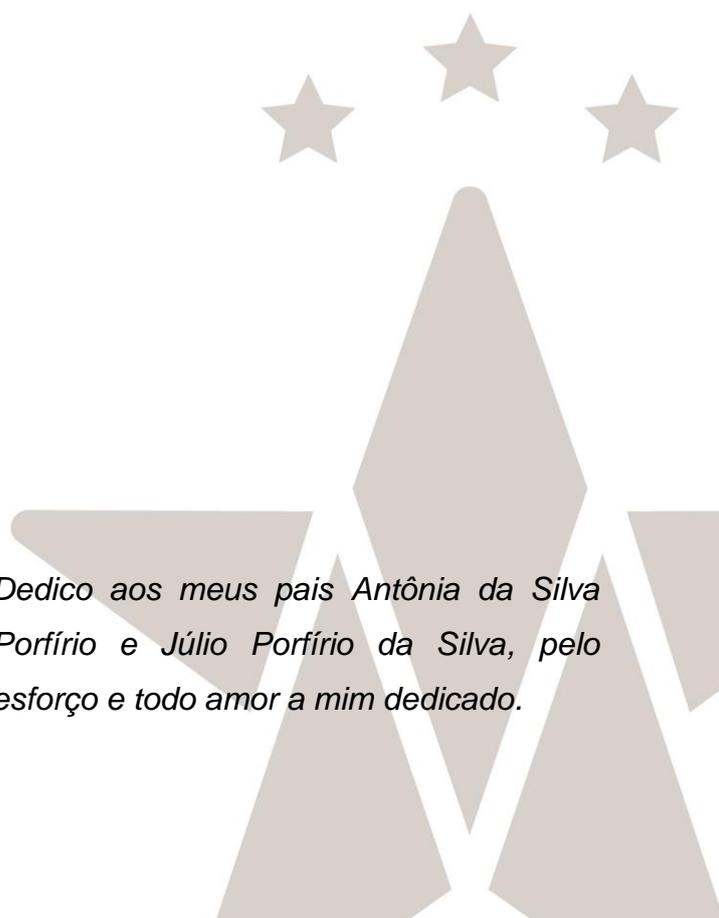
Prof. Esp. Maria Glêciane Maia de Macêdo
Centro Educacional Três Marias

Prof. Ms. José Rodolfo do Nascimento Pereira
Centro Educacional Três Marias

Prof. Esp. Dário Vieira da Silva
Centro Educacional Três Marias

ITATUBA-PB

2022



*Dedico aos meus pais Antônia da Silva
Porfírio e Júlio Porfírio da Silva, pelo
esforço e todo amor a mim dedicado.*

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu o dom da vida, e que em todos os momentos de minha existência, me segura pela mão e me mostra de várias maneiras seu amor e sua presença.

Aos meus pais, que sempre estiveram comigo, ao meu lado, dando amor, apoio e estímulo em todos os momentos. Sem medir esforços proporcionaram a mim uma educação de qualidade. Espero um dia devolver todo esse esforço.

A minha mãe Antônia da Silva, que mim ensinou a percorrer meus próprios caminhos com humildade, a ser uma mulher forte e corajosa para enfrentar a vida.

Ao meu pai Júlio Porfírio, que me ensinou os valores da vida, a ser uma pessoa íntegra, com valores. Ensinou-me a valorizar as pequenas coisas e buscar meus objetivos sem passar ou querer ser mais que os outros.

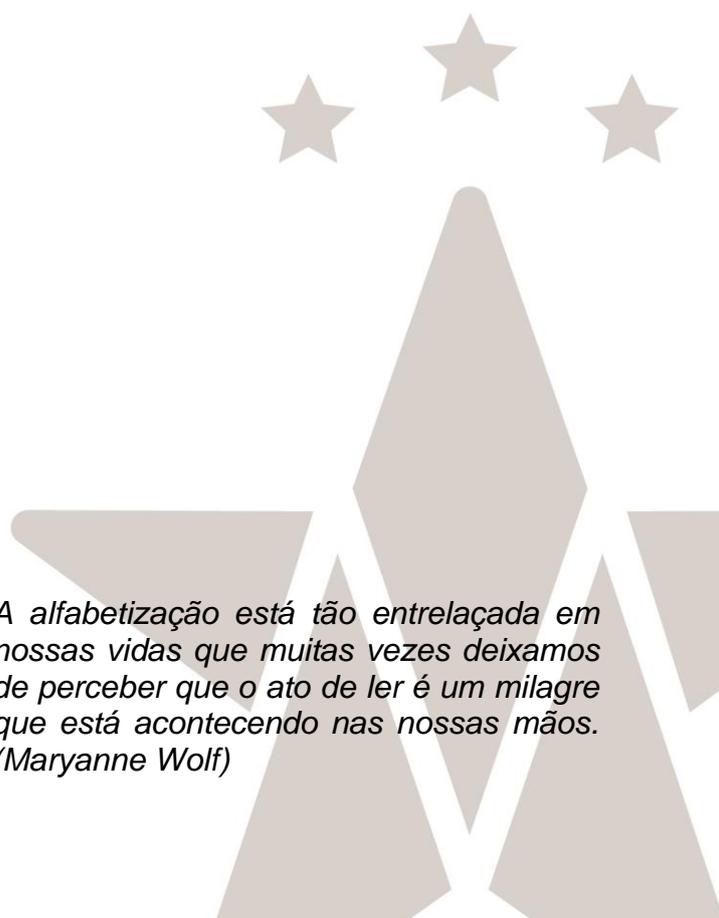
Agradeço ao meu irmão Júlio Cesar e a meu noivo José Carlos, que sempre estive ao meu lado apoiando e fazendo companhia nas madrugadas de estudos. A minha sobrinha Maria Vitoria, pelo incentivo, apoio nas minhas decisões e ajuda de sempre.

Aos meus avós Antônio Porfírio (avô paterno) e Agripina Maria (avó paterna), ambos in memoriam, por todo amor a mim dedicado. Não estiveram presente em minha caminhada acadêmica, mas sempre os mantive em meu coração. Acredito que onde quer que estejam se alegram e torcem por mim.

Agradeço a minha família, irmãos, sobrinhos, tios, tias, primos e primas pelo apoio e por acreditarem em mim. Alegro-me em ser motivo de orgulho e exemplo para vocês.

Não há palavras para descrever sobre uma pessoa uma pessoa que era colega e se tornou amiga e hoje posso chamá-la de irmã, Leticia Santos lhe agradeço e oro a Deus por você todos os dias. Emociono-me ao lembrar dos “favores” que me fez, da correria no dia de entrega de atividades, dos estresses no WhatsApp e dos momentos que passamos juntas. Você me fez acreditar no valor da amizade, de se doar sem esperar nada em troca, torço por sua felicidade e sucesso profissional, estarei sempre aqui para o que der e vier. OBRIGADA.

Enfim, agradeço a todos os que por algum motivo contribuíram para minha formação e realização desta pesquisa.



*A alfabetização está tão entrelaçada em
nossas vidas que muitas vezes deixamos
de perceber que o ato de ler é um milagre
que está acontecendo nas nossas mãos.
(Maryanne Wolf)*

O que o professor precisa saber para alfabetizar? Este questionamento remete a uma reflexão acerca das concepções de alfabetização no cenário educacional brasileiro. Diante disto, o objetivo de realizar uma pesquisa com esta temática é socializar sobre o alfabetizar as crianças de modo que o projeto escolar atenda os intuitos de como usar a pedagogia do ensino infantil, para ajudar a partir dos pequenos passos, chegarem ao esclarecimento e a ação do profissional que usará dos seus conhecimentos, junto ao aluno, sem faltar o ambiente familiar, que passa a ser o primeiro método a ser usado em situações de assiduidade e desenvolvimento no cotidiano escolar. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em obras de autores que tratam desta temática. O resultado da pesquisa, em linhas gerais, aponta que é necessário, portanto, repensar as políticas públicas para educação e, principalmente, para os projetos de alfabetização. Para isso, é de fundamental importância cursos de formação de professores com qualidade e também condições apropriadas de trabalho que dignifiquem a profissionalização docente.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Criança.



What teachers need to know to train? This question refers to a reflection on the conceptions of literacy in the educational setting. On this, in order to perform a search with this theme is socializing on the literate children so that the school meets the project for how to use the children's education, pedagogy for help from small steps, reaching the clarification and action of the professional who will use their knowledge, next to the student, without missing the family environment, which happens to be the first method to be used in attendance and development situations in everyday life. To this end, a bibliographical research in the works of authors that deal with this issue. The result of the research, generally speaking, points out that it is therefore necessary to rethink public policies for education and, especially, for literacy projects. It is therefore of fundamental importance teacher training courses with quality and appropriate conditions of work that implementation of professionalization.

KEYWORD: Literacy. Learning. Child.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ALFABETIZAÇÃO O QUE É?	13
2.1 A escrita e o processo de alfabetização	15
2.1.1 Métodos da alfabetização	17
2.1.2 Letramento	18
2.2 Alfabetização e dificuldades na aprendizagem	20
2.2.1 Propostas para uma boa aprendizagem	21
3 METODOLOGIA	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28



1 INTRODUÇÃO

Concebe-se que alfabetizado é o sujeito que sabe ler e escrever, que sabe se comunicar, que consegue ser compreensível para o outro, mas qual o intuito da alfabetização? Segundo Kramer (1986), O objetivo da alfabetização é o de favorecer o desenvolvimento da comunicação e expressão com ênfase no processo de produção e utilização de textos, ou é o de garantir a aquisição dos mecanismos da leitura e da escrita? [...] talvez a tentativa de construção de uma teoria geral da alfabetização traga o risco de que imaginemos ser possível abstrair a alfabetização das diferentes práticas sociais em que ela se realiza e das condições concretas que a viabilizam.

Há muitas discussões em volta do conceito de alfabetização, várias reflexões podem ser e são feitas em torno desta temática, a ideia de que ser alfabetizado é aquele que codifica ou compreende o código já não mais é tão convincente, ou seja, já não basta mais apenas codificar e decodificar. Durante muito tempo habituou-se a falar em alfabetização. Ser alfabetizado significava saber as letras, saber juntá-las para ler, saber escrever o próprio nome, codificando e decodificando a escrita. Hoje, esse termo alfabetização já foi resinificado e é centro de várias discussões e correntes ideológicas que procuram esclarecer o que realmente é ser alfabetizado e quais as implicações deste processo no dia-a-dia dos sujeitos (Teixeira, 2008).

Compreende-se que aprender a ler e a escrever é se apropriar do código linguístico-gráfico, é tornar-se de fato um usuário da leitura e da escrita. Dessa forma, na alfabetização o objetivo do ensino deve ser aprimorar as competências com o intuito de melhorar o desempenho linguístico da criança, levando em consideração a integração e a mobilidade sociais das mesmas, enquanto indivíduos inseridos em uma sociedade letrada, desenvolvendo o ensino numa perspectiva qualitativa e produtiva, pois a alfabetização deve ser usada para libertar, transformar e permitir que se aja sobre a sociedade, fugindo da alienação.

A Alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar. Atualmente, essa questão vem recebendo uma atenção especial da parte dos órgãos oficiais, os quais, entretanto, não têm obtido resultado expressivos em suas tentativas de solucionar os problemas citados (CAGLIARI, 1991).

Por essa razão, surge os desafios frente a alfabetização, nos exigindo a ter novos olhares sobre a alfabetização, “Se apenas a aquisição do código escrito vem se revelando insuficientemente para abarcar a complexidade do ato de ler; se parece crescente a distância entre o mundo que lemos e o mundo em que vivemos, com tantas vezes denunciou Paulo Freire, se o processo de escolarização ensina hegemonicamente a ler apenas as palavras da escola e não as palavras da realidade, por que não submeter a alfabetização a novos olhares?” (Garcia, 2008).

Nesse sentido, a temática “Alfabetização das crianças e seus desafios pedagógicos”, se faz relevante e necessário entre todos os professores alfabetizadores, afim de conhecer tudo que envolve esta temática e seus processos, tendo ciência de que não são poucas as dificuldades de aprendizagem dos nossos alunos, essas dificuldades de aprendizagem é uma constante em nossas escolas, pois as salas de aula jamais serão homogêneas nesse sentido, ou seja, em todos os aspectos da sala de aula. No processo de alfabetização essa perspectiva se torna ainda mais difícil para os educandos e educadores, pois é o aluno, nesse estágio, ainda está iniciando sua familiarização com as letras e o mundo da alfabetização.

O ponto de partida dessa discussão é o fato que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar, que somente os psicólogos míopes podem ignorar (VYGOTSKI, 1998).

Não é possível falar de alfabetização sem abordar os conceitos claros de letramento. Segundo Magda Soares (2011) letrar é mais que alfabetizar; é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Ela explica que ao olharmos historicamente para as últimas décadas, poderemos observar que o termo alfabetização, que antes se resumia em aprender somente a ler e escrever, foram ampliados. Só ler e escrever não bastam, é necessário mais que isso, isto está claro quando percebemos que a maioria dos alunos alfabetizados não sabem compreender uma leitura, e tem muita dificuldade em escrever.

O verdadeiro motivo de toda esta dificuldade está na falta de uma alfabetização ampliada, que seria uma prática de ler e escrever completa, ou seja, entrar no universo do letramento. O indivíduo precisa criar hábito para a leitura, e fazer disso uma necessidade fundamental no convívio global de sua vida.

Portanto, indaga-se: Como acontece a alfabetização e quais os seus desafios? Parte-se da hipótese de que: A educação é primordial para os anos iniciais para que os alunos desenvolvam a escrita e a leitura.

Com base na hipótese, elaborou-se o seguinte objetivo geral: Mostrar como acontece a alfabetização e quais os seus desafios. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Conceituar a alfabetização; conhecer o processo de alfabetização; descrever a prática da alfabetização e suas dificuldades.

Para este fim, optou-se em trabalhar com uma pesquisa bibliográfica, ou seja, a pesquisa bibliográfica é baseada em uma pesquisa feita em livros, artigos, revistas, sites de confiança da internet, etc. em primeiro lugar selecionaremos alguns artigos sobre esta temática, em seguida faremos leituras, resumos e fichamentos, “O fichamento é uma forma de investigar que se caracteriza pelo ato de fichar (registrar em fichas) todo material necessário à compreensão de um texto ou tema. ” (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O trabalho é composto por quatro capítulos: o primeiro capítulo é a introdução, onde aborda de forma sucinta o tema em estudo, assunto, objetivo geral e objetivos específicos, a metodologia, o problema de estudo, hipóteses e divisão de capítulos. O segundo capítulo, trata-se do referencial teórico, é neste capítulo onde fazemos nossos argumentos dos teóricos em estudos, é um dos capítulos mais importante do nosso trabalho, pois é através dele que apresentamos a base científica do nosso trabalho, ou seja, o embasamento legal, conceitos da temática, diferentes pensamentos, etc.

O terceiro capítulo é composto pela metodologia, a metodologia é uma “ciência que estuda os métodos aos quais ela mesma recorre” (Dicionário Houaiss), ou seja, neste capítulo será abordado o caminho da pesquisa, o método, e todo processo necessário para atingir o objeto que a pesquisa propõe.

O quarto capítulo trata-se das considerações finais, onde daremos um parecer sobre a temática estudada, apontando para as hipóteses, se as mesmas foram ou não confirmadas. E ao final do trabalho temos as referências bibliográficas, ou seja, as

referências de todas as citações, diretas ou indiretas que utilizamos em todo o trabalho.



2 ALFABETIZAÇÃO O QUE É?

Neste primeiro tópico da nossa pesquisa bibliográfica, vamos aos conceitos do que vem a ser alfabetização. E tudo o que envolve este elemento tão importante e também abordaremos sobre as dificuldades e desafios na alfabetização para com a criança. Estamos em um mundo marcado pelas tecnologias, essas tecnologias possuem códigos que precisam ser lidos ou interpretados por todos nós que utilizamos, e quando não conseguimos utilizar por falta de leitura ou domínio da mesma, ficamos à margem da sociedade, ou seja, ser alfabetizado hoje é uma questão de identidade, primordial, necessário para qualquer atividade mínima que seja.

Quando falamos em alfabetização, logo pensamos em dois elementos: Ler e escrever. Não é possível ser alfabetizado sem saber ler e escrever, esta é um dos pré-requisitos para alguém ser alfabetizado. Porém, diante desta afirmação, nós pontuamos uma problemática, ou seja, é possível conceituar leitura? Neste mundo tão diverso? Com um mundo tão efêmero, com transformações tão rápidas? Dificilmente, mas é possível elencar algumas características gerais que envolvem a leitura e a escrita, para chegarmos ao conceito de alfabetização. Vejamos o que diz um autor sobre o conceito de alfabetização:

Caracterizando-se como tecnicamente ensináveis, as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados. Desse ponto de vista, os processos de ensinar e de aprender a leitura e a escrita na fase inicial de escolarização de crianças se apresentam como um momento de passagem para um mundo novo — para o Estado e para o cidadão — : o mundo público da cultura letrada, que instaura novas formas de relação dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história e com o próprio Estado; um mundo novo que instaura, enfim, novos modos e conteúdos de pensar, sentir, querer e agir (MORTATTI, 2006, pg. 89).

O autor acima, traz muito mais que um conceito de alfabetização, mas nos conduz a uma grande reflexão, envolvendo vários elementos e questões que norteará essa nossa pesquisa. O que significa alfabetização da criança? Significa apresentar um mundo completamente novo, um mundo diferente, um mundo que ela precisará conhecer sozinha, mas com o auxílio imprescindível do alfabetizador seja ele do sexo

masculino ou do sexo feminino. Esta alfabetização nesta fase inicial deve ser uma alfabetização transformadora, uma alfabetização que forme a criança de forma holística ou integral. Por isso que essa alfabetização exige um processo difícil, que envolva práticas realmente que faça sentido com a realidade da criança.

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser reconhecido. Ler, ter acesso a bons livros, preparar ambientes que despertem nas crianças um desejo pela leitura, são mediações importantes para a formação do leitor, e terá mais sentido ainda, se o professor ajudar o aluno a descobrir o teor de dialogicidade da linguagem, a qual somente existe no encontro, na troca, no engajamento da pergunta-resposta, pois, em um texto nada é dito gratuitamente, e não se deve esperar que os alunos descubram sozinhos, por isso, é fundamental que em cada exercício, os professores fale aos educandos para quem se vai falar ou escrever, pois redações escritas “para ninguém”, só podem resultar no desinteresse do aluno (EMÍLIA FERREIRO, 2012, p. 25).

De fato, alfabetizar não é uma tarefa tão simples como alguns acham, o professor encontra diversas dificuldades ao desenvolver esta tão grande missão, sobretudo, levando em consideração todas as dificuldades encontradas nas escolas, por falta de recursos adequados, esses recursos inviabilizam os professores a utilizar metodologias assertivas que facilitem o processo de ensino aprendizagem da criança, sobretudo, na questão do lúdico, que é uma ferramenta valiosíssima para alfabetizar uma criança.

Vale enfatizar também que o conceito de alfabetização, sobretudo, no início era ligado a questão de ser um processo mecânico e repetitivo, inclusive muitos de nós fomos alfabetizados ainda neste sistema, onde precisaríamos devorar “a lição” e repeti-la várias vezes, pois acreditava-se que somente assim poderíamos de fato aprender a ler e a escrever. Por isso que a alfabetização também é conhecida como o ato de decodificar palavras, ou seja, traduzir o código que está posto ou escrito, por isso que neste sistema, dava-se tanta ênfase ao alfabeto em letras garrafais, pois não se imaginariam a criança aprender a ler e escrever sem antes decorar o alfabeto e mais que isso, precisaria escrevê-lo bem.

Este conceito de que a alfabetização é o ato de decodificar palavras perdurou por muito tempo, e porque não dizer que ainda hoje em algumas situações de escolas, ainda continua este mesmo conceito de que o aluno precisa decorar letras, para aprender a ler e escrever, muitas vezes letras e palavras descontextualizadas da

realidade do aluno ou da criança, essa descontextualização faz com que a criança perca o gosto pela aquisição da leitura e escrita.

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Nos dias atuais este conceito de alfabetização ligado ao processo de decorar ou repetir várias vezes as letras ou palavras já se encontra obsoleto e não faz mais sentido algum para as nossas crianças hoje. O processo da leitura e escrita se dão de outras maneiras e o professor alfabetizador precisa estar atento a essas mudanças.

2.1 A escrita e o processo de alfabetização

A maneira de como alfabetizar nos tempos de hoje, com certeza, é bem diferente, daquela que se praticava em outra época. A escrita ideográfica é menos limitada do que a pictográfica. Tfouni (apud Azevedo e Marques, 1997:53), em *História da escrita*, mostra que uma das dificuldades dos povos antigos era a escrita dos nomes próprios, e que foi por uma dessas razões que se iniciou a fonetização como a logografia.

Então, à medida que o tempo passava, podemos perceber que também as mudanças iam acontecendo, no que se referia às técnicas de alfabetizar, como, por exemplo, nota-se que a ideia de alfabetizar antigamente se resumia apenas em saber os nomes das letras, reconhecer o som consonantal e usar a letra correspondente para cada palavra. Essa mudança deu muita força para que o sistema silábico fosse desvinculado por completo do desenho. Então a escrita passou a representar o desenho sonoro das palavras.

Segundo Tfouni (apud Azevedo e Marques, 1997:53): “A escrita, a mais perfeita criação humana é, portanto, relativamente recente, e é somente a partir do seu aparecimento que a história do homem pôde começar a ser contada e recuperada”.

No entanto, o que realmente marcou como a primeira manifestação desse fato foi quando as letras do alfabeto romano foram assumindo estilos diferentes. Devido ao uso cada vez maior da escrita na sociedade, naquela época, a produção de livros

escritos era feita mão, então a escrita aumentou muito, e por isso o alfabeto passou por novas mudanças, e foi a partir desse acontecimento que a escrita deu origem às primeiras letras de formas maiúsculas e minúsculas.

Depois dessa modificação, alfabetizar não era mais simplificado em apenas e tão somente na codificação. Assim, muitos foram os colaboradores para que acontecessem essas mudanças no processo de alfabetização. Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Cagliari e outros descobriram novas técnicas a fim de facilitar e melhorar a qualidade de ensino em nosso país.

É claro que essas mudanças não aconteceram de maneira tão rápida assim; pelo contrário, é um processo lento e demorado, e a educação sofreu muitas consequências em vários fatores. Ao longo do tempo, o conceito de alfabetização mudou como já foi dito. Com o objetivo de responder às necessidades da sociedade, muitos métodos e processos de alfabetização foram criados, adaptados e modificados a fim de tentar aperfeiçoar da melhor forma possível o processo de ensino da escrita e também da leitura.

Esse assunto é até hoje motivo de muita polêmica e discussões devido a sua complexidade e muita desigualdade por parte da grande classe dominante que faz descaso da educação.

A Alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar. Atualmente, essa questão vem recebendo uma atenção especial da parte dos órgãos oficiais, os quais, entretanto, não têm obtido resultado expressivos em suas tentativas de solucionar os problemas citados (CAGLIARI, 1991:08).

Sobre o assunto, outra autora defende que “a fala não se confunde com a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente” (FERREIRO, 2012, p. 34).

Cagliari (1991) reforça o pensamento de Ferreiro (2012); para ela, a fala e a escrita constituem realidades diferentes, pois apresentam, entre outras características, formas e recursos expressivos distintos, embora ambas lidem com o mesmo objeto: a língua. Assim ela diz “(...) é uma ilusão pensar que a escrita é um espelho que retrata a fala. A única forma da escrita que retrata a fala, de maneira a

correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética” (FERREIRO, 2012, p. 20).

Nas sociedades atuais não existe grau zero de letramento que envolva outros sistemas simbólicos, além do verbal, como o visual (pintura, escultura, arquitetura, dança) e outras manifestações, através dos símbolos visuais passíveis de leitura e identificação, como rótulos, *outdoor*, placas de trânsito, a cor do sinal e o contexto em que se insere. O letramento torna o sujeito capaz de reconhecer o ônibus que o leva para casa, à escola ou ao trabalho.

2.1.1 Métodos da alfabetização

Tendo visto alguns conceitos da alfabetização e alguns elementos que o envolve, vamos abordar um pouco mais de contextos que envolve a alfabetização, dentre eles os métodos da alfabetização. A etimologia da palavra método é de origem grega (*methodos*), e muito nos quer dizer por ter o mesmo significado de caminho: considerando que são várias formas de alfabetizar, e dependendo da forma como ele é apresentado sempre terá aspectos diferentes.

Portanto, podemos classificar os métodos de alfabetização em duas grandes categorias: métodos predominantes sintéticos e métodos predominantes analíticos. O primeiro grupo é o mais antigo; vai da antiguidade até os primórdios do século XIX. Seu estudo consiste na ideia de que primeiro é preciso separar as partes para então chegar ao todo; isto é, parte do elemento para o todo.

A ideia é sempre começar do modo mais simples para chegar às partes mais complexas. Precisamos ter muito cuidado para não cairmos no engano de achar que esta é um dos métodos mais fáceis, porque ele nos leva, no auge do desenvolvimento, a seguir por cinco processos fundamentais para que aconteça o aprendizado, são eles:

Processo Alfabético ou ABC, de Dionísio de Halicarnasso, que valorizava muito a gramática, priorizava a memorização dos nomes das letras do alfabeto, depois se uniam as mesmas para formar sílabas e depois palavras. Não fazia relação do concreto; tudo partia do abstrato, e muito foi empregado no ensino da leitura (MORTATTI, 2006).



O processo iconográfico, de John Amós Comênius; ao contrário do anterior, o foco maior era que para cada letra teria que existir uma figura de um animal e que o som desta letra fosse correspondente com a voz do animal. Por exemplo: o som da letra “m” seria apresentado ao lado do boi porque o mugido do animal (muuuu) é igual ao som da letra exibida (MORTATTI, 2006).

O processo de letras móveis, de João Bernard Basedow, que inventou um jogo de letras móveis de várias formas e tamanhos, que uma vez misturadas a criança teria que procurar a letra indicada e desenhá-las, e, em seguida, formava sílabas e palavras que eram depois escritas. Esse processo esteve muito presente na “casa das crianças”, fundado e adaptado em Roma por Maria Montessori e Pestalozzi, quando criou um orfanato para crianças pobres (MORTATTI, 2006).

Processo fônico, de Valentin Ickelsammer. Apesar da grande dificuldade na implantação, o processo consiste no ensino da leitura. O professor, antes de começar a ensinar as consoantes, teria que iniciar primeiramente com as vogais. Depois o professor devia iniciar com consoantes, que tinham representações onomatopaicas ou sonoras, dependendo do ruído do animal. Através deste mugido era feito a ligação entre a consoante e a vogal, formando assim sílabas, palavras e frases curtas que eram escritas na lousa. Como exemplo podemos citar “o rato roeu a roda” (MORTATTI, 2006).

Por fim, finalizamos com o último, o processo silábico ou silabação, de Samuel de Heinicke. Para ele, a aprendizagem partia da sílaba e não da letra. Heinicke era professor de surdos-mudos, então procurava ensinar a leitura labial. Para ele, a aprendizagem acontecia mais rápida. Em vez de iniciar pela letra, ele mostrava as sílabas escritas e as pronunciava, a fim de que acontecesse a leitura labial. Por ter tido uma boa repercussão, o processo foi aceito e aprovado para todas as crianças independentemente de serem surdas-mudas ou não. É claro que todos esses processos terem apresentado vários avanços para a metodologia, limitações existiram, e sempre irão ocorrer, é claro.

2.1.2 Letramento

Segundo Magda Soares (2011), letrar é mais que alfabetizar; é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Ela explica que ao olharmos historicamente para as últimas décadas, poderemos observar que o termo alfabetização, que antes se resumia em aprender somente a ler e escrever, foram ampliados. Só ler e escrever não bastam, é

necessário mais que isso, isto está claro quando percebemos que a maioria dos alunos alfabetizados não sabem compreender uma leitura, e tem muita dificuldade em escrever.

O verdadeiro motivo de toda esta dificuldade está na falta de uma alfabetização ampliada, que seria uma prática de ler e escrever completa, ou seja, entrar no universo do letramento. O indivíduo precisa criar hábito para a leitura, e fazer disso uma necessidade fundamental no convívio global de sua vida. No Brasil, como já foi dito, as pessoas não costumam ler e escrever porque não praticam essa habilidade com frequência, e acabam tornando-se pessoas com dificuldades de ler e escrever.

Outro exemplo diferente que poderíamos citar, mas de maneira positiva, seria o do universo infantil, onde a criança mesmo sem ser alfabetizada, ou seja, sem saber ler e escrever, mas tendo todo acesso letrário, sabe funções do uso da língua escrita que a torna letrada, porque no momento que a criança finge que lê um livro ela está exercitando as entonações de uma narração da leitura. Portanto, de acordo com Magda Soares, é uma criança letrada sem ser alfabetizada.

A dificuldade de leitura e interpretação observada nos alunos pode ser compreendida ao lermos Magda Soares:

Uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada; sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas, ou não é capaz de interpretar um texto lido; tem dificuldades para escrever uma carta, até um telegrama – é alfabetizada, mas não é letrada (SOARES, 2011, p. 47).

E o professor? Qual seu papel diante do letramento? É importante saber que, antes de o professor querer exercer esse papel, em primeiro lugar, é necessário que ele se torne um “professor-letrado”, para depois começar a exercer de fato o papel como tal. Ele poderá buscar muita informação sobre o que venha a ser letramento, e o que pode ser feito para que o torne capaz de letrar seus alunos.

Apesar de os professores terem recursos para melhor aprimoramento no conhecimento, o que se tem visto nos cursos oferecidos para professores é que eles são pouco frequentados. Por alguma razão, o professor deixa de participar, ora por achar que não precisa por que tem vários anos que trabalha na área, portanto, não precisa, ora por questões de outra natureza (vida particular). E assim o professor vai levando a educação como ele mesmo acha possível, e a educação vai ficando cada vez mais do jeito que está sendo, lamentavelmente, sem qualidade de ensino.

2.2 Alfabetização e dificuldades na aprendizagem

A dificuldade de aprendizagem é um tema bastante complexo e tem sido abordado com muita frequência nos dias atuais, pois o objetivo de educadores e pesquisadores na área é justamente a tentativa de melhorar a aprendizagem dessas pessoas que possuem esse tipo de transtorno. Dificuldade de aprendizagem, por vezes referida como desordem de aprendizagem ou transtorno de aprendizagem, é um tipo de desordem pela qual um indivíduo apresenta dificuldades em aprender efetivamente. A desordem afeta a capacidade do cérebro em receber e processar informação e pode tornar problemático para um indivíduo o aprendizado tão rápido quanto o de outro, que não é afetado por ela.

Queremos aqui citar o que pensava e refletia sobre o sujeito epistêmico, o biólogo e educador Jean Piaget apud (Revista Nova Escola, 2010, p. 65):

Também chamado de sujeito cognoscente ou do conhecimento, o conceito diz respeito às estruturas mentais comuns a todos os seres humanos, que conferem a possibilidade de aprender fazendo relações entre diferentes informações (classificação, comparação, dedução etc.). Tais estruturas se desenvolvem do início ao fim da vida por meio da ação dos indivíduos sobre o meio, num processo de interação com o objeto de conhecimento e com as outras pessoas, o que possibilita a construção de níveis de saber cada vez mais complexas.

Muito interessante e, porém, complexa a citação acima, pois, nessas palavras de Piaget revelam-se informações importantes sobre a aprendizagem das crianças e de todas as pessoas. Ele nos leva a refletirmos sobre a possibilidade e a certeza de que as pessoas estão sempre aprendendo e que todas as pessoas têm capacidade de aprendizagem desde o nascimento até o fim da vida de cada um. Quando o autor nos fala sobre a aprendizagem do indivíduo no processo de relacionamento dele com o mundo exterior ele quer dizer que toda criança nasce sem conhecimento algum e adquire esses conhecimentos no processo de convivência dele com o meio em que ele se insere.

O aluno com dificuldades de aprendizagem é uma constante em nossas escolas, pois as salas de aula jamais serão homogêneas nesse sentido, ou seja, em todos os aspectos da sala de aula. No processo de alfabetização essa perspectiva se torna ainda mais difícil para os educandos e educadores, pois é o aluno, nesse

estágio, ainda está iniciando sua familiarização com as letras e o mundo da alfabetização. Vejamos o que escreveu Le Boulch, sobre as dificuldades na aprendizagem:

Relacionar os problemas de orientação com a dificuldade de aprendizado da leitura é algo clássico e que sobressai da evidência. Da observação desta concordância, passa-se logo a fazer uma relação de causa e efeito. Na verdade, felizmente, não é necessário que uma criança tenha podido verbalizar sua direita ou sua esquerda para que possa ser confrontada com o aprendizado da leitura. (LE BOULCH, 1987, p. 33)

Baseando-se na citação acima, podemos dizer que muitos equívocos são realizados no diagnóstico de dificuldade da aprendizagem, pois o aprendizado da leitura ou a alfabetização é algo que não depende de possibilidades como localização e outras perspectivas. O aprendizado pode obter variáveis imensuráveis e que não pode ser definido apenas em relação à leitura e a escrita.

2.2.1 Propostas para uma boa aprendizagem

Segundo Le Boulch, o educador deve caminhar acerca das dificuldades do aluno sem exibir autoritarismo em suas ações, assim ressaltou:

A atitude do educador corresponde a uma atitude “não diretiva” bem compreendida, isto é, não estabelecida sobre um modo deliberadamente autoritário, o que não significa que não possa ser firme quando a situação o exigir. O educador deve estar mais preocupado pelo desenvolvimento da criança em relação às outras e quando confrontada a certos imperativos sociais, do que pelo respeito a um programa e à aprendizagem de uma matéria. Seu cuidado será o de permitir que as crianças se expressem e levá-las a isto; para tanto o domínio do movimento será tão importante, principalmente na criança pequena, quanto o da linguagem. (LE BOUCH, 1987, p. 37)

É de suma importância que analisemos as palavras do autor acima mencionado, pois ele nos revela que não devemos priorizar as aprendizagens da matéria, ela também é importantíssima, mas está mais preocupado na socialização do seu educando, com isso, seu desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional será mais adequado para uma sociedade que exige esses fatores para o bom relacionamento com si mesmo e com outrem.

Professores podem ser os mais importantes no processo de identificação e descoberta desses problemas, porém não possuem formação específica para fazer

tais diagnósticos, que devem ser feitos por médicos, psicólogos e psicopedagogos. O papel do professor se restringe em observar o aluno e auxiliar o seu processo de aprendizagem, tornando as aulas mais motivadas e dinâmicas, não rotulando o aluno, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades.

Essas dificuldades ou deficiências apresentadas acima são muito pertinentes nas salas de aula, porém, os professores e professoras são responsáveis pela aprendizagem dos educandos, mas em muitos casos, necessitam de ajuda de outros profissionais para que seu aluno possa aprender todos os conteúdos que lhe são apresentados e explicados.

Para que essas barreiras e entraves possam ser superados e a aprendizagem aconteça efetivamente, é necessário que todos os educadores e pessoas responsáveis pela educação de um município, de um estado ou de um país se manifestem e se capacitem para obter resultados mais significantes no que diz respeito à aprendizagem e ao desenvolvimento intelectual dos educandos. A leitura também é um grande suporte que pode desenvolver a aprendizagem no educando, uma vez que essa prática leva o aluno a refletir sobre seus pontos de vista e suas perspectivas de aprendizagens. A leitura, mesmo realizada com a ajuda ou simplesmente feita pelo professor, contribui para desenvolver habilidades de compreensão e isso melhora a capacidade de aprendizagem no educando (LE BOUCH, 1987).

Vejamos o que disse De Pietri, sobre esse assunto:

As atividades de leitura precisam também destacar questões relativas a conhecimento textual e sua relação com determinados gêneros de discurso. Um dos recursos que podem ser utilizados para evidenciar essa relação é o trabalho com o suporte do texto (DE PIETRI, 2009, p. 65).

Com certeza, hoje podemos afirmar que alfabetização e letramento fazem parte da educação infantil devido à grande presença de ambos nesse processo educacional. Tempos atrás, não se pensava em alfabetizar a criança antes dos 7 anos de idade em nosso país; hoje, isto não existe mais. Vários estudos foram feitos sobre letramento e alfabetização, e foi constatado o quanto esta prática mostrou grande avanço ocorrido na aprendizagem das crianças tanto no interesse pela leitura como também na escrita.

Em linhas gerais, o letramento inicia-se antes da leitura, por estar intimamente ligado à leitura de mundo de um modo geral; deste modo, este também se estende além do processo de alfabetização, pois para que o indivíduo possa ser considerado letrado ele terá de compreender como ocorrem as práticas sociais, não se restringindo, nesse sentido, à mera compreensão de códigos linguísticos, que tem a finalidade de desenvolver a leitura e a escrita para fins escolares.



3 METODOLOGIA

Este capítulo é reservado para apresentar a forma da pesquisa, ou seja, todo o seu desenvolvimento, os passos que foram dados, os caminhos escolhidos, o tipo de pesquisa, etc. A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados. (BRUYNE, 1991).

O tema alfabetização das crianças e seus desafios pedagógicos, é um tema atual e relevante, a prova disso é que vários teóricos ou estudiosos tem publicado materiais científicos sobre esta temática, os principais teóricos citados ao longo do trabalho foram: CAGLIARI (1991), FERREIRO (2012), MORTATTI (2006), etc. neste sentido, esta pesquisa trata-se de uma pesquisa descritiva, que segundo Triviños (1987, p. 112), os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação. Ainda para o autor, às vezes não existe por parte do investigador um exame crítico das informações, e os resultados podem ser equivocados; e as técnicas de coleta de dados, como questionários, escalas e entrevistas, podem ser subjetivas, apenas quantificáveis, gerando imprecisão.

Para a coleta do material em estudo, ou seja, a coleta de dados, foi realizado procedimentos bibliográficos, com pesquisa no google acadêmico, no período de agosto de 2021 a outubro de 2021, a partir das seguintes palavras-chave: Alfabetização, letramento, Educação Infantil.

Segundo Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas

É próprio da pesquisa científica, buscar ou explorar teorias, conceitos e

ideias de outros autores para o embasamento de um tema específico. Por meio dos conceitos dos vários teóricos é possível analisar, criticar, perceber diferenças, etc.

Após a pesquisa de alguns artigos científicos sobre o tema da alfabetização, foi realizado uma leitura geral, e em seguida um fichamento. “O Fichamento Reúne os elementos relevantes do texto. Segundo Medeiros (2006) fichamento pode ser entendido como sendo o ato através do qual se registra os estudos de uma obra ou texto, em fichas ou em folhas de papel.

Quanto a análise dos dados nossa pesquisa teve uma abordagem qualitativa, que segundo Denzin e Lincoln (2000, p.1), esta pesquisa, envolve uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo. Isso significa que pesquisadores qualitativos estudam coisas em seu cenário natural, buscando compreender e interpretar o fenômeno em termos de quais os significados que as pessoas atribuem a ele.

Assim, foi possível alcançar os objetivos propostos desta pesquisa que confirma a hipótese de que a educação é primordial para os anos iniciais para que os alunos desenvolvam a escrita e a leitura. Desse modo a estrutura deste trabalho contempla o seguinte caminho: a introdução, que aborda o problema, hipóteses, objetivos geral e específicos e justificativa da pesquisa. No segundo capítulo temos o referencial teórico, capítulo este que dá sustentabilidade a nossa pesquisa. Em seguida temos a metodologia, que aponta todo o caminho metodológico seguido e por fim, temos as considerações finais.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esse trabalho de conclusão de curso, pudemos perceber a grande dificuldade e o grande desafio que é ensinar, alfabetizar, ou seja, fazer o aluno aprender diante de tantas atribuições que perpassam a educação atual e as vidas das crianças, dos professores e de toda comunidade educativa. É importante salientar que em todas as escolas e em todas as sociedades existem dificuldades de aprendizagem e esse deve ser uma abordagem constante nas realidades de educadores e educadoras.

Todas as atitudes exercidas pelos profissionais da educação devem ser direcionadas para a aprendizagem dos alunos, pois, sabemos, nós educadores, que a aprendizagem deve ser o foco defendido e percorrido por todos os educadores.

Esse trabalho de conclusão de curso foi elaborado visando melhorias na qualidade do ensino e em consequência dessas melhorias, a aprendizagem de todo alunado. É válido frisar que todas essas dificuldades de aprendizagem têm fatores bastante distintos e que devem ser analisados por toda equipe pedagógica e por profissionais de outras áreas que têm conhecimento nesse aspecto.

Após as leituras e estudos sobre o tema trabalhado nessa pesquisa, vislumbramos novas perspectivas de ensino e de aprendizagem, pudemos entender que as vias que levam os conteúdos até os alunos são o grande desafio da educação, dos professores e de todos os responsáveis pelo processo educacional instalado no país.

Podemos refletir sobre a perspectiva de que existem várias formas de aprender e de ensinar. Por isso as dificuldades e os desafios encontrados por professores e professores no que tange a aprendizagem e o ensino são fatores que necessitam de muitas variáveis para que as adequações sejam algo muito pertinente nas atividades e atitudes de educadores.

O professor precisa estar sempre inovando e perceptível as inovações que o mundo lhe apresenta. Essas inovações são todas as possibilidades de conhecimentos, tecnologias, mídias, informações, transformações, velocidades de tempo e de espaço que levam o professor a perceber que necessita adequar suas atitudes com as atitudes necessárias para que seus alunos possam receber os conteúdos e consigam assimilá-los de forma mais eficaz.



As propostas de melhor aprendizagem apresentadas nesse trabalho são apenas algumas de nossas tentativas de fazer das dificuldades de aprendizagem um impulso para que professores e professoras busquem novas perspectivas de atividades e tentem adequar as realidades trazidas pelos educandos às realidades e perspectivas que possibilitem uma boa aprendizagem para todos os alunos de uma sala de aula, de uma escola e de toda educação.



REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, LC. **Alfabetização & lingüística**. São Paulo: scipione, 1991.
- DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para atuação docente/** Émerson de Pietri. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2. ed. London: Sage, 2000.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Brasil: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Currículo no ciclo de alfabetização: consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem: ano 2: unidade 1/** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- LE BOULCH, Jean. **Educação psicomotora: psicogenética na idade escolar/** Jean Le Boulch; trad. de Jeni Wolff. – Porto Alegre: Artmed, 1987.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica/ à pratica de fichamentos, resenhas e resumos**. 8 ed.- São Paulo: Atlas 2006.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização: São Paulo 1876-1994**. São Paulo: UNESP/INEP, 2006.
- MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento. Construir Notícias**. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.
- NOVA ESCOLA. **Revista Nova Escola**, Ano XXV, Nº 238, dezembro de 2010.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.